

6 Considerações finais

Após um extenso capítulo de análise do *corpus*, respaldado por outros dois que discorreram sobre teorias acerca dos gêneros discursivos e sobre a relação entre linguagem e ciência, e guiado pela conduta metodológica apresentada em outro capítulo, chega-se ao momento de refletir-se sobre a pesquisa como um todo. Tal movimento retórico não poderia ter um objetivo comunicativo, informacional, mais pretensioso: realizar o fechamento de uma pesquisa, lutando-se por seu posicionamento ao lado de outros trabalhos existentes na área.

Para alcançar tal feito, ater-no-emos a alguns resultados da análise a que se propôs a pesquisa e suas possíveis implicações. Este estudo foi realizado com o intento de melhor compreender-se o gênero relato de caso, comumente publicado em periódicos médicos.

Em busca dessa compreensão, alinhamo-nos à abordagem sociorretórica dos estudos de gêneros discursivos e analisamos um *corpus* de 49 textos segundo o modelo analítico-metodológico proposto por Swales (1990; 2004). A principal pretensão da análise foi a definição de regularidades nos padrões retórico-discursivos do gênero a partir da identificação de traços linguísticos e funções comunicativas recorrentes. Buscou-se olhar também para os títulos e para os elementos não linguísticos do relato de caso, a fim de traçar-se um perfil um pouco mais completo do gênero.

Na investigação para o estabelecimento de um padrão da organização das informações no relato de caso, identificaram-se três movimentos retóricos, cujas funções são: apresentar o caso, descrever a condução do caso e realizar uma revisão (ou discussão) tanto do relato em si quanto da literatura da área. Os três movimentos, presentes em 100% dos relatos que compõem o *corpus*, sugerem uma homogeneidade da produção, refletida no padrão de regularidades proposto. Entretanto, é preciso lembrar que a presente pesquisa teve-se a apenas um periódico, o que ressalta a necessidade de estudos de maior amplitude, abrangendo

mais de uma fonte de dados, para também aferir se a homogeneidade nos achados não resulta justamente do fato de todos os dados advirem de uma mesma fonte.

Mais uma vez, vale ressaltar que apesar de uma das intenções deste estudo ser oferecer mais subsídios ao ensino de produção textual acadêmica, o quadro aqui apresentado com os movimentos retóricos foge de qualquer tom prescritivo, tencionando a apenas evidenciar a existência de uma possível constância na organização das informações no gênero discursivo em questão.

A partir da emersão desses três movimentos foi possível observar o direcionamento “de dentro para fora” típico do gênero. Parte-se de informações relativas ao caso relatado e se conclui com informações mais abrangentes da área de conhecimento. Os três movimentos também sugerem uma aproximação com a estrutura IMR(A)D (introdução, métodos, resultados e discussão) dos artigos originais, pois o relato inicia-se com uma apresentação (noção que pode ser aproximada à de introdução), segue com uma descrição da condução (o que poderia convergir com os métodos e resultados) e termina com uma revisão (ou discussão), sendo o alinhamento neste último movimento explicitamente evidente pelo nome atribuído a ele.

É interessante observar que a definição dos três movimentos revela a dualidade que envolve o gênero. Além da possível convergência com a estrutura de um artigo original, a partir dos movimentos (apresentação do caso, condução do caso, revisão – ou discussão) observa-se a composição bipartida do gênero, com os dois primeiros movimentos dedicados ao caso, implicando-se seu caráter narrativo (apresenta-se e descreve-se a condução do caso), e com o último movimento relacionado com informações extracaso, sugerindo seu caráter mais generalizante. É nesta corda bamba, beirando o artigo original (considerado pela comunidade como fazer-ciência) e um relato no sentido mais *stricto* do termo (considerado pela comunidade como anedótico, remetendo à origem secular do ensino da Medicina), que se encontra o relato de caso.

O detalhamento de cada subfunção no Capítulo 5 corrobora as ponderações aqui realizadas. Essa flutuação no tom do texto, ora anedótico ora científico, também se refletiu na análise dos títulos, que revelou a existência de um espaço para títulos não convencionais, não típicos de produções científicas.

O relato de caso, portanto, pode ser considerado predominantemente narrativo (os Movimentos 1 e 2 compõem a maior extensão do texto), mas se trata

de uma narrativa bem específica, por ser bastante carregada de termos técnicos e relacionada com um acontecimento verídico. Ademais, o Movimento 3, de alinhamento ao conhecimento da área, apoiado pela menção a trabalhos anteriores, lugar para as reflexões dos próprios autores sobre o que foi relatado e momento em que se explicitam as possíveis contribuições daquela produção à comunidade, também se mostrou obrigatório, coalescendo com o que já foi prescrito por vários autores da área biomédica (DeBakey e DeBakey, 1983b; Iles e Piepho, 1996; Gottschlich, 2000; McCarthy e Reilly, 2000; Vandenbroucke, 2001; Chelvarajah e Bycroft, 2004; Sorinola *et al.*, 2004; White, 2004; Green e Johnson, 2006; Jamjoom *et al.*, 2010).

O que é interessante destacar é o fato de que, mesmo não sendo resultante de uma pesquisa delineada para alcançar-se determinada finalidade, o relato de caso emerge da Medicina em ação, podendo apresentar situações e contextos anteriormente inimagináveis na área. Considerar-se apenas este aspecto já pode ser suficiente para justificar a relevância de tal produção à comunidade médica.

É preciso também frisar que, apesar do tom narrativo, o relato faz menção a atividades e procedimentos médicos reais e quaisquer conclusões sobre o que se relata precisam de um embasamento médico.

As peculiaridades do relato de caso refletem um gênero de origem secular (rememora-se aqui o *Nei Ching – O livro de ouro da medicina chinesa*, do ano 300 a.C., mencionado no Capítulo 3) e ainda hoje em circulação. As justificativas para sua atual estrutura híbrida (beirando o anedótico e o científico) podem ser várias, como a possibilidade de o Movimento 3 ter sido incorporado ao gênero de origem narrativa justamente para consolidar seu lugar nas publicações científicas, que precisam sempre manter o diálogo ativo com o conhecimento já estabelecido na área.

De qualquer maneira, não se discute o cunho pedagógico dos relatos de caso nem sua função como receptáculo de novos nichos de pesquisa, gerados a partir do registro do excêntrico, do primeiro, do inesperado e do adverso encontrados diariamente na prática médica. Apesar de a manutenção e a consolidação de um gênero discursivo estarem estreitamente relacionadas aos interesses da comunidade discursiva, é interessante que nós, linguistas, observemos as relações entre gênero e comunidade discursiva, a fim de compreendermos cada vez mais as premissas que pautam essa relação.

No que concerne ao objeto desta pesquisa, a polêmica que o envolve diz respeito justamente às questões políticas e de poder que envolvem a comunidade: a valorização dos artigos originais e de revisão, que conferem mais prestígio a seus autores, em detrimento ao relato de caso, possível apenas a partir da vivência profissional. Esta balança cujo peso é a importância dada pela comunidade, o valor atribuído por ela, reflete as tensões típicas do campo científico, como se discutiu no Capítulo 3.

Ademais, é interessante observar que o relato de caso resulta da união entre a prática e a pesquisa médica, muitas vezes vistas de maneira dicotômica na comunidade científica, posto que os detentores do poder simbólico nesta comunidade são os pesquisadores e não os profissionais. Portanto, o relato de caso também se destaca por possibilitar essa coexistência entre os vieses profissional e científico da Medicina.

Sob a ótica da Linguística, principalmente para aqueles filiados à abordagem sociorretórica, para a qual o contexto de produção/recepção do gênero é fundamental para sua existência, é intrigante observar as imbricações de todos esses aspectos para o nascimento ou extinção de um gênero discursivo.

Nosso objetivo central com este estudo foi o de descrever a distribuição (proto)típica das informações nos relatos de caso na área médica e, dessa maneira, individualizá-los como um gênero acadêmico próprio da comunidade médica, o que julgamos ter alcançado, por ter emergido em nossa análise (apesar de suas já descritas limitações) a estabilidade e a consolidação (mesmo que temporária) do gênero relato de caso.

Também se faz necessário, neste momento de fechamento, esclarecer a existência de uma lacuna neste trabalho, que concerne à quantidade e à variedade de dados analisados. Justamente por ser considerado um “gênero menor”, há considerável variação na organização textual exigida por diferentes periódicos para o relato de caso. Há periódicos médicos brasileiros, por exemplo, que exigem resumos para os relatos, assim como indicado explicitamente em algumas produções da área biomédica (McCarthy e Reilly, 2000; Chelvarajah e Bycroft, 2004; White, 2004; Green e Johnson, 2006; Jamjoom *et al.*, 2010). Por isso, a

extensão desta análise a um *corpus* maior, cujos dados sejam provenientes de diversos periódicos, de diferentes épocas, pode revelar resultados ainda mais interessantes e condizentes com a realidade.

Acredita-se que a principal contribuição desta pesquisa não tenha sido a caracterização retórico-discursiva do gênero discursivo relato de caso, mas sim a criação de um espaço para o debate, sob o olhar da Linguística, da relevância deste gênero para a comunidade médica, sendo então justificado o esmero na descrição das relações entre ciência e linguagem, para prover os linguistas com o contexto de produção do gênero, em guisa a enriquecer uma discussão que parecia estar restrita aos limites da comunidade médica e incentivar novos trabalhos na área da Linguística que contemplem gêneros acadêmicos próprios de comunidades discursivas mais específicas.